



O Festival Remexe Rio ocupa a Praça XV e o Paço Imperial neste fim de semana com shows gratuitos de Adriana Calcanhotto (foto), Zeca Baleiro, Alice Caymmi, Natasha Llerena, Lenna Bahule e artistas de Portugal, Cabo Verde, Angola e Moçambique. Pág. 2

Morana Lusofonia





AF Rodrigues/Divulgação

Rua das Pretas



Divulgação

Tocaia

Vozes de três continentes reunidas

AFFONSO NUNES

A Praça XV e o Paço Imperial recebem neste fim de semana, de sexta a domingo (22 a 24) a primeira edição do Remexe Rio — festival que coloca em diálogo direto a produção artística contemporânea de Brasil, Portugal e países africanos lusófonos. Apresentado pelo Ministério da Cultura e Galp, o evento é gratuito e marca um encontro entre tradição e contemporaneidade através de música, poesia, vídeo-arte e gastronomia.

A programação está organizada em três dias, com múltiplos horários e espaços. No palco montado na Praça XV a programação musical reúne nomes consolidados e emergentes. Entre os destaques estão Adriana Calcanhotto, Trinka, Zeca Baleiro, Alice Caymmi, Natasha Llerena, Lenna Bahule (Moçambique), Tocaia, Bia Caboz (Portugal) e coletivo Rua das Pretas, formado por músicos do Brasil, Portugal e Cabo Verde. O Paço Imperial recebe apresentações de jongo e vídeo-arte. A grade ainda inclui saraus e performances.

O festival nasce como desdobramento natural do Festival Fado em Cidades Históricas, realizado em 2024 e 2025. Desta vez, a proposta se expande: não celebra apenas o fado português, mas explora as múltiplas linguagens que emergem quando Brasil, África e Portugal conversam através da língua portuguesa. “A cultura que vivemos hoje nasceu do encontro. África, Portugal e Brasil não são apenas origens. São forças que seguem em diálogo”, avisa o manifesto do evento. A Praça XV e o Paço Imperial são locais

Praça XV e Paço Imperial abrigam shows musicais, saraus de poesia, dança, vídeo-arte e feira de artes e gastronomia



Divulgação

Bia Caboz



Diego Ruahn/Divulgação

Zeca Baleiro



Divulgação

Alice Caymmi



Divulgação

Lenna Bahule



Divulgação

Natasha Llerena

onde a história colonial portuguesa se encontra com a história republicana brasileira — espaços de contradição que o festival não nega.

SERVIÇO

REMEXE RIO — UM MANIFESTO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Atrações: Adriana Calcanhotto, Zeca Baleiro, Trinka, Bia Caboz, Alice Caymmi, Natasha Llerena + Lenna Bahule, Rua das Pretas Praça XV de Novembro e Paço Imperial | 22 a 24/5, a partir das 16h | Entrada franca

O bardo de Orós está de volta

AFFONSO NUNES

Raimundo Fagner volta ao palco do Vivo Rio neste sábado (23) em mais uma etapa de sua turnê comemorativa aos 50 anos de carreira. O show faz parte de um circuito nacional que o cantor cearense tem percorrido com sucesso desde 2023, levando ao público uma retrospectiva de cinco décadas no centro da cena musical brasileira.

Fagner integra uma geração de artistas cearenses conhecida como o Pessoal do Ceará, que revelou ao resto do país nomes como Belchior, Amelinha e Ednardo. Seus 50 anos de carreira são contados a partir do lançamento do primeiro disco, “Manera, Fru Fru, Manera: o último Pau de Arara”, de 1973. O álbum já era uma carta de intenções do que viria depois e já contava com parcerias dele com Belchior (o clássico “Mucuripe”) e com Ronaldo Bastos (“Tambores”), além de “Canteiros”,

Fagner retorna ao Vivo Rio com show da turnê comemorativa de 50 anos de carreira, que vem cruzando o país desde 2023

o poema de Cecília Meireles musicado pelo bardo de Orós e que até hoje é um de seus maiores sucessos.

Nascido em 1948, Raimundo Fagner Candido Lopes iniciou sua carreira ainda pequeno. Aos seis anos de idade, no dia das mães, ganhou o prêmio de melhor intérprete pela música “Mãezinha Querida”, na Ceará Rádio Clube. Na adolescência, integrou alguns grupos vocais e começou a compor suas próprias canções. Em 1968, aos 19 anos, participou do IV Festival



Leonardo Rodrigues/Divulgação

de Música Popular do Ceará, interpretando a canção “Nada Sou” e foi premiado como Melhor Intérprete do Festival.

Nesta noite de celebração, o artista cearense promete emocionar o público com canções que abraçam todas as fases de sua caminhada musical como a vibrante “Coração Alado”; sua pungente releitura para “As Rosas Não Falam”, o clássico de Cartola; os poemas musicados de Florbela Espanca; e seu lado seresteiro destacado no surpreendente álbum “Serenata”, lançado em 2020 em plena pandemia.

Além dos clássicos que definiram sua presença na música brasileira, Fagner tem incluído no repertório faixas do álbum “Além desse

Fagner apresenta neste sábado no Vivo Rio os maiores sucessos de uma carreira recheada de grandes canções

Futuro”, lançado em 2024 especificamente para celebrar essa trajetória. O disco reúne canções inéditas e releituras. Espera-se que inclua também suas versões para clássicos da Bossa Nova gravadas em álbum lançado este ano com produção de Roberto Menescal. Foi um desafio para o artista encaixar seu timbre potente nas delicadas interpretações que o gênero pede.

Acompam Fagner no palco os músicos Cainã Cavalcante (violão), Netinho (baixo), Robson Viana (bateria), Stênio Gonçalves (gui-

tarra), Thiago Gomes (teclados) e Freitas Filho (acordeon).

A turnê já passou por cidades como Fortaleza, Natal, Curitiba, São Paulo, Porto Alegre e Goiânia, consolidando uma recepção significativa do público.

SERVIÇO

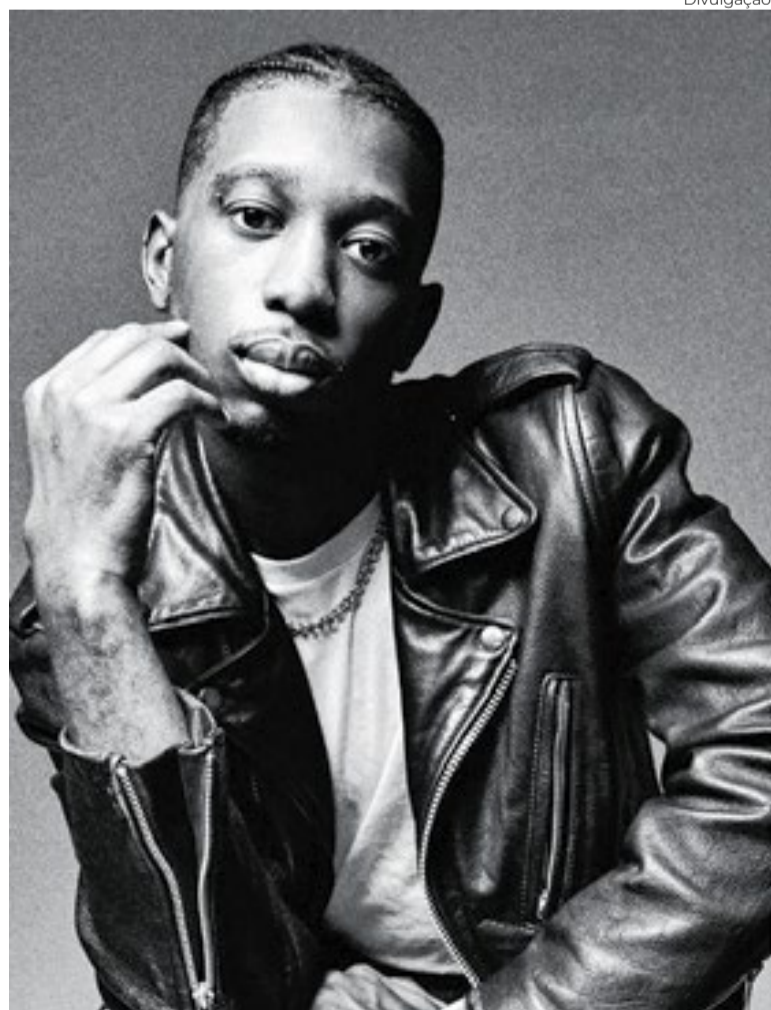
FAGNER — TURNÊ 50 ANOS DE CARREIRA

Data: 23 de maio de 2026 (sábado)

Horário: 21h (casa abre às 19h)

Local: Vivo Rio — Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo, Rio de Janeiro

Ingressos: R\$ 40,00 (meia-entrada) | R\$ 80,00 (inteira)



Divulgação

A modernidade jazzística de Julius Rodriguez

Multi-instrumentista novaiorquino leva sonoridade que incorpora soul, R&B e hip hop ao Blue Note Rio

Um dos nomes em ascensão no jazz internacional, o multi-instrumentista estadunidense Julius Rodriguez faz sua primeira apresentação em solo carioca nesta sexta-feira (22), às 20h e 22h30, no Blue Note Rio. O músico foi uma das principais atrações do C6 Fest, realizado nesta quinta (21), em São Paulo.

Com formação inicial em pia-

no, o músico novaiorquino domina também bateria e guitarra. Seu diferencial é navegar fluidamente entre jazz, R&B, hip-hop e soul — influências que vão desde John Coltrane até Burna Boy. Seus dois álbuns de estúdio — “Let Sound Tell All” (2022) e “Evergreen” (2024) — são exemplos dessa fusão de gêneros em arranjos complexos.

Rodriguez acumula colaborações com artistas de peso. Trabalhou com Wynton Marsalis, A\$AP Rocky, Keyon Harrold e Macy Gray. O jornal The New York Times e a revista Vanity Fair publicaram perfis sobre ele. Seus streams ultrapassam dezenas de milhões em plataformas como Spotify. Em 2024, foi convidado para gravar um episódio do Tiny Desk Concert da NPR — fenômeno de audiência no YouTube e um dos espaços mais disputados na cena musical global.

No palco, Rodriguez é conhecido por uma energia visceral. Sua improvisação não separa composição de improviso, tampouco o idioma jazzístico de outros gêneros. É essa fluidez e energia que colocam esse artista no centro do debate sobre como a nova geração está redefinindo o que o jazz pode ser neste século. (A. N.)

SERVIÇO

JULIUS RODRIGUEZ
Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1.910 – Copacabana) 22/5, às 20h e 22h30

Julius Rodriguez domina o piano, a guitarra e a bateria

Elba comanda o forró na Lapa

Arraiá da Fundação antecipa os festejos juninos com show da cantora. Forró do Kiko fecha a noite

AFFONSO NUNES

Quem gosta do clima de festa junina não está nem aí se junho não chegou e a Fundação Progresso transforma a Lapa num bailão arretado com mais uma edição do Arraiá da Fundação nesta sexta-feira (22). Elba Ramalho comanda a noite, que ainda terá o DJ Xelexéu na abertura e o Forró do Kiko no encerramento. A casa se veste com bandeirinhas, brincadeiras e barraquinhas de comidas típicas, recriando o clima das festas do interior nordestino.

Estar com 74 anos não significa nada para Elba, que esbanja energia no palco. Nascida em Conceição de Piancó (PB), ela acumula dois

Grammys Latinos — pelos álbuns “Qual o Assunto Que Mais Lhe Interessa?” (2008) e “Balaio de Amor” (2009) — além de 16 vitórias no Prêmio da Música Brasileira. São

mais de quatro décadas de atuação desta que é chamada por seus fãs de apelidas como “Madonna do Agreste”, “Tina Turner do Sertão” e “Rita Lee da Caatinga”. Nada é exagero, mas Elba é Elba.

A cantora teve privilégio de conviver com mestres como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Dominginhos, influências que moldaram sua sonoridade. Seu repertório transita entre forró, baião e música brasileira, sempre com autenticidade. Retorna à Fundação

para mais uma apresentação em um espaço que se consolidou como referência para festas juninas no Rio.

DJ Xelexéu abre a noite. Considerado o DJ de Forró Pé de Serra mais antigo em atividade no Rio, ele trabalha desde 1999 difundindo a cultura nordestina. Seu repertório inclui xotes, baiões, xaxados, maracatus e outros ritmos tra-



Depois de Elba, o Forró do Kiko revisita clássicos nordestinos

ditionais. Xelexéu é DJ residente de projetos como Forró Fino, no Novo CCC, e Festival Rootstock Brasil, tendo dividido palco com grandes nomes da música nacional.

O Forró do Kiko encerra a celebração na Fundação. Liderado pelo diretor musical Kiko Horta, o grupo reúne instrumentistas da nova geração com arranjos marcantes, improvisos intensos e momentos de catarse coletiva. No repertório, clássicos de Dominginhos, Gon-

zagão, Sivuca, Hermeto Pascoal, Chico Buarque e Gilberto Gil, além de composições autorais e participações especiais.

SERVIÇO

ARRAIÁ DA FUNDAÇÃO COM ELBA RAMALHO

Fundação Progresso (Rua dos Arcos, 24, Lapa)
22/5, a partir das 20h
Ingressos a partir de R\$ 120 e R\$ 60 (meia entrada solidária)

E o arrasta-pé continua

Se tem forró sexta na Fundação, o Circo Voador recebe neste sábado (23) um encontro entre duas fases do melhor forró produzido me terras cariocas. O Forróçacana, que completará 29 anos em atividade, sobe ao palco ao lado de Forró de Pife, banda formada em 2018 que tem se destacado na cena local. Antes e depois dos shows, o DJ Darvyn Orlan comanda a discotecagem.

O Forróçacana surgiu em 1997 dentro do circuito universitário do Rio e consolidou-se como referência do forró pé de serra carioca. O grupo é conhecido por extrapolar o gênero nordestino ao misturá-lo com samba, choro, rock, reggae e até elementos de música oriental.

O repertório da noite inclui sucessos da discografia da banda e releituras de clássicos da MPB. O grupo está em fase de preparação para lançar um projeto inédito este ano celebrando sua trajetória.

O Forró de Pife abre a noite. A banda, criada há oito anos, tem se movimentado na cena do Rio com um repertório que celebra os clássicos do forró (Dominginhos, Gonzagão) e apresenta composições autorais, além de releituras de MPB e novos nomes da música brasileira. O grupo integra uma geração mais jovem que mantém vivo o interesse pelo gênero na cidade, ainda mais com a proximidade dos festejos juninos. (A. N.)



Forróçacana

Divulgação

SERVIÇO

FORRÓÇACANA & FORRÓ DE PIFE

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
23/5, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos a partir de R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Entre grandes canções e uma boa conversa

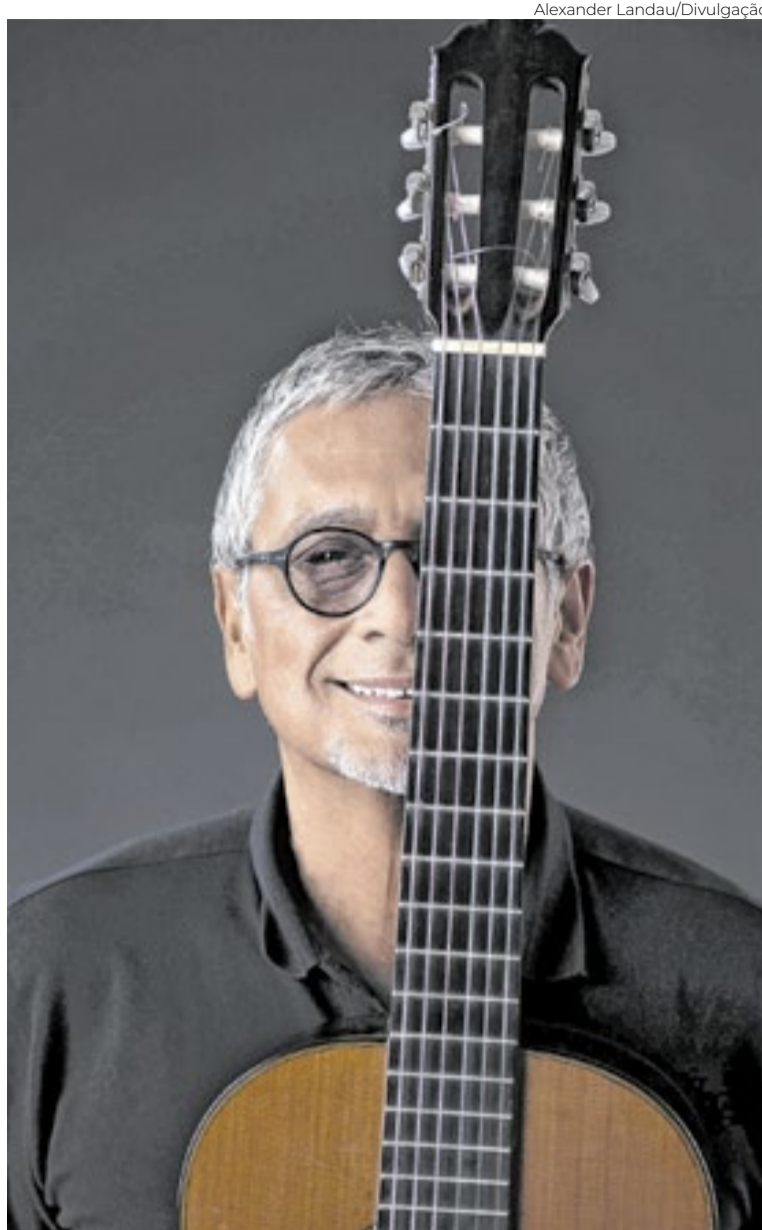
Zé Renato inaugura nova série musical no Manouche regada a música e bate-papo

AFFONSO NUNES

Aos 69 anos, com cinco décadas de carreira divididas entre o grupo Boca Livre e a atuação solo, Zé Renato retorna ao Manouche na sexta-feira (22) na abertura da série musical “Mi Casa, Su Casa”, um formato que prioriza a intimidade e o diálogo direto com o público. O show, marcado para as 21h, será um papo

afetuoso entre o artista e sua audiência, lembrando sucessos e revelando os bastidores da criação de suas obras.

Capixaba de Vitória, o cantor e compositor é um dos intérpretes mais reconhecidos da música brasileira. Sua voz, marcada pela excelência de afinação, consolidou-se tanto em composições próprias quanto na interpretação de clássicos da MPB. Entre as canções que o eternizaram estão “Toada” e “Anima”, ambas de sua autoria, que



Zé Renato inaugura nova série musical no Manouche

se tornaram referências no repertório de diversos artistas — desde Milton Nascimento e Joyce Moreno até Jon Anderson, do grupo Yes.

Com o Boca Livre, um dos

mais populares quartetos vocais brasileiros - que integra desde 1979, Zé Renato gravou 12 álbuns e compôs muitos de seus sucessos. A parceria com o grupo rendeu

reconhecimento internacional: em 2023, o disco “Pasieros”, gravado em colaboração com o músico panamenho Rubén Blades, conquistou o Grammy Award na categoria Melhor Álbum Pop Latino. Paralelamente, sua carreira solo conta com 19 álbuns lançados.

Além da interpretação, Zé Renato é reconhecido como compositor de relevância. Suas canções foram gravadas por artistas como Zizi Possi, Leila Pinheiro, Lulu Santos, Nana Caymmi e MPB-4, entre outros. Também forma dupla com Claudio Nucci (ex-colega do Boca Livre).

O Boca Livre prepara o álbum “Boca canta Edu”, uma deferência a Edu Lobo, que ajudou o grupo em seu início, com lançamento previsto em breve. Em paralelo, Zé Renato trabalha em novo disco em parceria com Nucci.

Zé Renato é ainda artista de forte engajamento social, sempre tem se posicionado em favor das grandes questões da sociedade. Ou seja, esse papo promete.

SERVIÇO

MI CASA, SU CASA - ZÉ RENATO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 — subsolo da Casa Camolese)
22/5, às 21h

Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia solidário, levando 1 kg de alimento não perecível ou livro, doados a comunidades carentes)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Dupla lança novo álbum no Acaso Cultural

Alcides Sodré e Edu Aguiar apresentam ao vivo o álbum “Todas As Esquinas Do Mundo” neste sábado (23) no Acaso Cultural. O trabalho, lançado pelo coletivo Projeto 2, reúne 11 faixas compostas ao longo de seis anos com participação de Luiz Tatit, Geraldo Azevedo, Dudu Falcão e Murilo Antunes. O disco traz referências do Clube da Esquina, Vanguarda Paulista, Nordeste, Portugal e Uruguai.



Divulgação

Black Bird celebra 28 anos de beatlemania

A Black Bird retorna ao Teatro Rival Petrobras nesta sexta (22) para celebrar 28 anos dedicados à obra dos Beatles. O show destaca um set com canções de John Lennon, incluindo “Imagine”, “Jealous Guy” e “(Just Like) Starting Over”, além de clássicos da banda como “Strawberry Fields Forever” e “In My Life”. Formado em 1998, o grupo é reconhecido pela fidelidade sonora na execução dos hits da banda britânica.



Maurício Fernandes/Divulgação

Felipe Brito e quinteto no Blue Note Rio

O trombonista Felipe Brito apresenta “Felipe Brito – Tributo a Martin Luther King Jr.” no Blue Note Rio neste domingo (24), às 18h. O espetáculo conecta música, trajetória pessoal e consciência histórica. Em formação de quinteto com Ivan Carlos Nunes (saxofone), Natan Gomes (piano), Miguel Dias (baixo) e Flávio Júnior (bateria), o repertório reúne composições do álbum “Don’t Put Off Until Tomorrow”.



Divulgação

Dani Bessa mostra canções do novo álbum

O Audio Rebel recebe nesta sexta (22) o cantor carioca Dani Bessa (foto) e a banda paulistana Os Pecados Tropicais em seu primeiro show no Rio. Bessa lançou o álbum “Hiperdrama” (2024) após o EP “Despedidas” (2022), com destaque para “Flor de Cerejeira”. Os Pecados Tropicais lançaram seu disco de estreia em setembro de 2025, mesclando pop-rock, MPB, blues, jazz e funk.



Divulgação

CRÍTICA TEATRO | DIABÓLICA VINGANÇA

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Descortinando a cena, o clima de tensão já é instaurado pela trilha original oportuna de Adriano Sampaio - atravessando toda a encenação, e pelo vermelhidão da luz de Renato Machado, que desaba sobre corpos, auxiliando a ampliação do fluxo sanguíneo. Numa idealização de Renato Carrera e realização da Bruzun Company e Palavra Z Produções Culturais, o espetáculo que estreou em Lisboa na Mostra de Teatro Brasil no Chafitô em 2025, reúne duas obras de Nelson Rodrigues, que dispensa comentários, tamanha a vastidão de contos e crônicas, além das 17 peças que o gênio da dramaturgia nacional implementou.

A trama desagua questões sobre violência de gênero, traumas, maldades, depreciação, vingança, morte, onde tudo dialoga entre si, desvelando o quanto seres humanos tornam-se cruéis e macabros.

Renato Carrera edifica um espetáculo tenso em perfeita sintonia com a escrita rodrigueana, impondo um minimalismo estético, valorizando as matizes que o maior dramaturgo do país urdiu.

O diretor conduz com extrema habilidade as variações que suas atrizes possuem, inclusive a si mesmo. Opta por movimentação exígua e repleta de subtextos, pelos quais a doença humana pode alcançar estados de periculosidade, onde a morte agita-se e faz a audiência perder o fôlego. Mantém a originalidade



Renato Carrera, encenador e destaque do elenco, conduz com extrema habilidade as variações que suas atrizes possuem

Dinâmica da morte

dos contos, dramatizando com louvor as narrações. Toda a encenação é primorosa, mas a cereja do bolo fica pelo final aterrador, em que a gargalhada, teatralmente alongada, é sinônimo de horror, felicidade, re-

vanche, tudo ao mesmo tempo. O próprio encenador é o destaque do elenco, elaborando estranhezas que favorecem a proposta, numa embocadura que revela maldição. A angústia vivida por Lauro

em “A Mão Esquerda” é muito bem

desenhada por Carrera, na qual um suplício patético é filigranado. Já em “Vingança” o destempero do marido em que uiva a sua dor na indagação: “Qual?!?!”, é a magnificência do

ator. Andreza Bittencourt acerta em galgar vagarosamente as vicissitudes de sua personagem, emoldurando uma máscara tenebrosa ao final do primeiro conto. No segundo quadro, Dani Ornellas pigmenta na medida certa aquela mulher ultrajada, com requintes de emoção. Todos três abrilhantam-se em suas narrações.

O cenário de Daniel de Jesus é simples e funcional, onde um piso avermelhado remete-nos a sensação de que todos estão prestes a sangrar, além da ótima projeção do mesmo, em que um pêndulo e uma imagem de ultrassom dialogam precisamente com a elucubração direcional de Carrera. Dani Ornellas investe numa indumentária enlutando as personagens, adicionando uma ideia de que o desejo sobrepõe a racionalidade.

Há algum tempo Renato Carrera vem estreitando sua comunhão com Nelson Rodrigues. Atuou e dirigiu “Vestido de Noiva”, fez “Senhora dos Afogados”, trafejou por “A falecida” e “A Serpente”. É bastante natural que o artista venha amadurecendo suas ferramentas para eclodir com firmeza e refinamento a montagem de “Diabólica Vingança”.

SERVIÇO**DIABÓLICA VINGANÇA**

Teatro Futuros — Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo) Até 24/5, de quinta a domingo (19h) Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

**Nelson por Nelson**

“Nelson Rodrigues – o passado sempre tem razão” traz Bruce Gomlevsky em monólogo que explora o pensamento do dramaturgo através de suas próprias falas. Direção e dramaturgia de Carlos Jardim, que passou meses pesquisando entrevistas, livros e crônicas para compor um texto quase 100% fiel aos originais. O resultado é uma investigação da alma rodrigueana — contraditória, polêmica, vulnerável. Temas como amor, adultério, política e futebol ganham cena em reflexões que permanecem atuais. Até 25 de maio no CCBB RJ.

**Jogo cênico de risco**

A Companhia Ensaio Aberto apresenta “Palavras”, espetáculo solo com Tuca Moraes baseado na obra de Clarice Lispector. Dirigido por Luiz Fernando Lobo, o experimento teatral acontece na Sala Sérgio Britto do Armazém da Utopia, em sala com apenas 40 lugares. A atriz se joga abertamente sobre o “abismo de Clarice”, como descreve, em um jogo cênico de risco onde a linguagem e os sentidos se fazem à vista do público em ambiente para apenas 40 pessoas. Até 11 de junho, sempre às quintas-feiras.

**Comédia do absurdo**

A comédia “Minha Mãe é um Espírito – A Comédia”, do Grupo Ânima, chega ao Teatro Miguel Falabella no Norte Shopping com apresentações às sextas (22 e 29). Estrelada por Ana Carolina Rainha e Lucas Figueiredo, a montagem venceu o Prêmio Apperj 2025 em três categorias: Melhor Atriz, Melhor Ator e Melhor Produção. Dirigida por Ticiania Studart, a comédia aborda a relação entre mãe e filho através de situações que transitam entre o cotidiano e o absurdo, equilibrando humor e reflexão sobre temas como morte e laços familiares.

Bruce Dern é a maior diversão

Documentário comovente marca a volta do astro de 'Nebraska' à Croisette, três anos depois de um infarto que diminuiu seu ritmo de atleta, mas não tirou sua vontade de brilhar

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

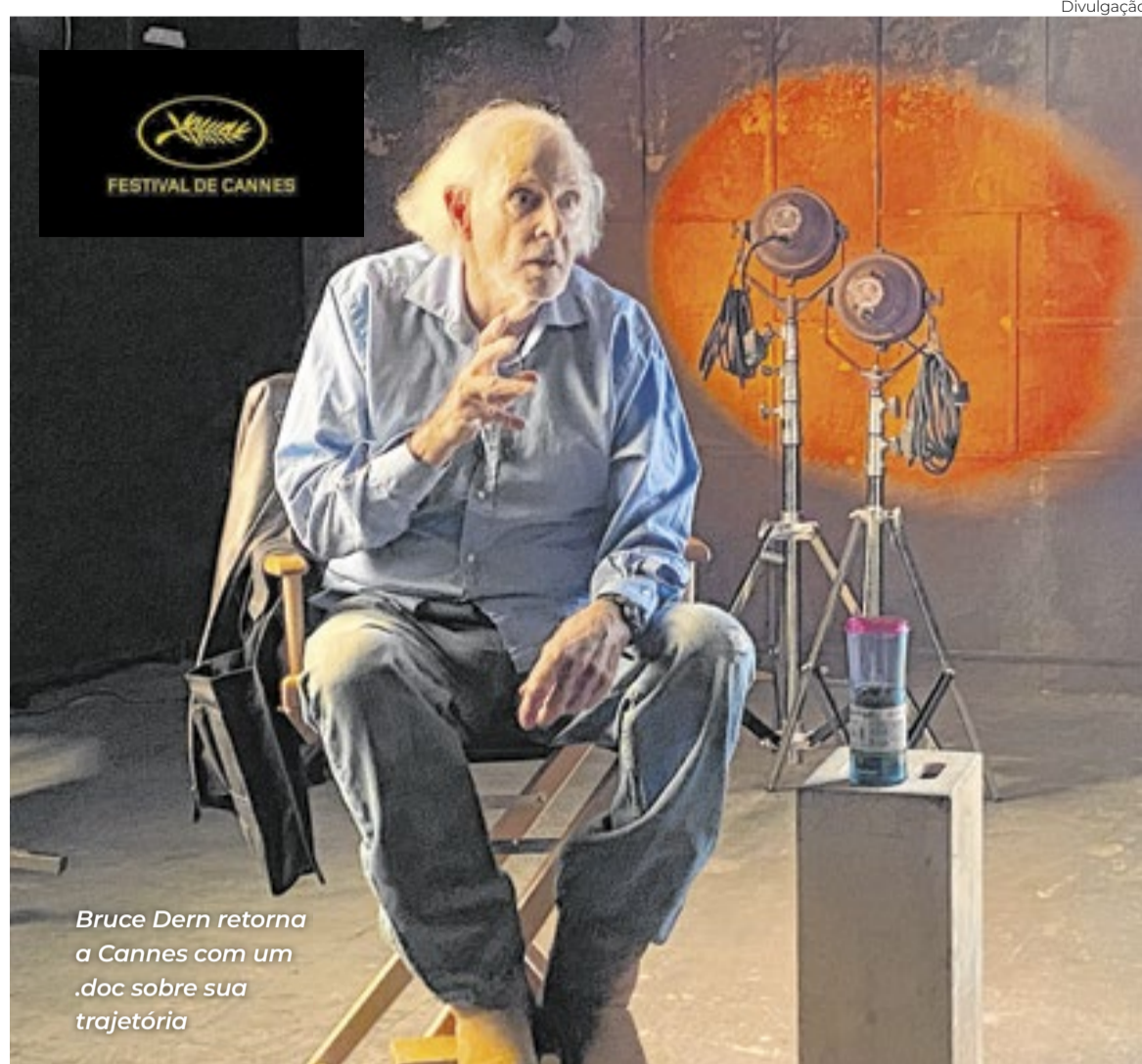
Caminhando com muita dificuldade, não por travas ósseas e musculares da idade (89 anos), mas por ecos do ataque cardíaco sofrido em 2013, Bruce Dern voltou a Cannes, o festival onde ganhou o prêmio de Interpretação em 2013, por "Nebraska", combinando seu terno de luxo com um bonézinho. É a própria imagem do que chamamos simplicidade. Por trás dela, contudo, há uma carreira que vem dos anos 1950 até hoje e fez cineastas dos quilates mais altos (de Elia Kazan a Quentin Tarantino) nutrir admiração por seu modo de atuar.

Sua técnica tem nome: "Dernsie". O termo, que parte do sobre-

nome do astro, virou sinônimo de inenção em Hollywood. Não por acaso, é o título do documentário tocante que revive os feitos desse operário da atuação. "Estar em Cannes é o mesmo que ser classificado para os Jogos Olímpicos", disse a quase nonagenária estrela, sob uma ovação, em meio à estreia de "Dernsie: The Amazing Life of Bruce Dern", num lotado Palais de Cannes.

Na plateia estava sua filha, a atriz ganhadora de Oscar Laura Dern, que esbanja tietagem sobre o papai talentoso. Mike Mendez colheu um depoimento dela para seu .doc, que dá voz a cineastas cheios de culto, como Walter Hill e Joe Dante. Há espaço nobre para Alexander Payne, pois foi ele que fez

"Nebraska" - um road movie pontuado por piadas sobre a crise financeira dos EUA - virar reali-



Bruce Dern retorna a Cannes com um .doc sobre sua trajetória

“Eu venho de uma época no cinema americano em que se falavam verdades”

BRUCE DERN

dade. Fiel à linhagem da "dramédia" (apelido de hollywoodiano da comédia dramática) seguida por

Payne filme a filme, o longa segue um derrotado profissional: o aposentado beberão Woody Grant (Dern), fiel à hipótese de ser o vencedor de uma bolada.

"Eu venho de uma época no cinema americano em que se falavam verdades", disse Dern ao Correio da Manhã, na projeção de "Nebraska" na Croisette, para um júri presidido por Steven Spielberg, que filmou o fenômeno pop "Jurassic Park: Parque dos Dinossauros" (1993) com Laura.

Dirigido há 50 anos por Alfred Hitchcock (1899-1980) em "Trama Macabra", Dern relembra em "Dernsie" sua relação esporti-

va com a corrida, lembra da perda de sua filha primogênita (afogada ainda bebê, ao cair numa piscina) e dos perrengues para se firmar na TV e na telona. Billy Bob Thornton conta um episódio hilário sobre os bastidores do longa "Sonhando Alto", de 2006, no qual o produtor não fazia ideia de quem era Bruce e pediu um material ilustrativo de seu talento. Um talento que Tarantino levou para três de seus filmes recentes: "Django Livre", "Os Oito Odiados" e "Era Uma Vez Em Hollywood". "Só existe uma palavra para definir esta indústria", diz Dern no .doc. "A tal palavra é resistir".

Andy Garcia em brilho de diamante

Astro cubano recorda na Croisette os filmes que marcaram sua juventude

Indicado ao Oscar em 1991 por "O Poderoso Chefão III", o cubano Andy Garcia gozou da fama de galã o quanto teve chance e, agora, aos 70 anos, vê no streaming, na série "Landman", da Paramount Plus, ao lado de Billy Bob Thornton e Demi Moore, a chance de falar com mais plateias... online. Nessa fase digital, ele resolveu manter o cinema como um bom companheiro e filmou um noir... um noir com um charme sumido desde os tempos de "Chinatown" (lá de 1974), em que assina a realização e o roteiro, além de

estrelar. "Diamond" bateu no peito de Cannes como uma explosão. Foi "A" surpresa (das boas) da reta final do festival. Andy atua em estado de graça.

"Eu pegava ônibus em Miami e cruzava aquela cidade, logo que saí de Cuba para os EUA, em busca de um cinema na Lincoln Road, onde se via um programa duplo por sessão. Às vezes, com um ingresso, ri via dois 007s de uma vez. O noir me chegou ali. 'Casablanca' veio ali. Esses filmes estão em mim", disse Garcia ao Correio da Manhã.



Andy Garcia atua em 'Diamond', longa que também dirige

Depois de 21 anos sem dirigir, mas ainda com as manhas adquiridas ao filmar o belo "A Cidade Perdida" (2005), Andy volta a rodar longas-metragens numa apropriação do que recebeu de melhor de Francis Ford Coppola, Sidney

Lumet, De Palma e outros mestres na criação de uma espécie de Don Quixote noir.

Seu papel na frente das câmeras é o do detetive Joe Diamond, um investigador famoso por ter resgatado flamingos perdidos. No meio de

uma missão ligada ao assassinato de um milionário, Joe tem seus segredos expostos numa trama charmosa, em que sublimação de lutos se confundem com a busca pela verdade... ou a investigação dela. E, de quebra, temos Bill Murray em cena. (R. F.)

SEXTOU! UM DF DE

Gleyka Vieira

TEATRO

“Poéticas de Brasília”

*O espetáculo Poéticas de Brasília estreia temporada no Auditório do CEMI Cruzeiro, com sessões entre 22 e 24 de maio. Dirigida por Mateus Ferrari, a montagem mistura teatro, música e humor para revisitar a capital federal a partir das memórias e afetos de seus moradores. Em cena, Abaeté Queiroz, Márcio Menezes e o diretor conduzem uma narrativa fragmentada sobre a construção de Brasília, passando por personagens históricos, cidades-satélites e trabalhadores candangos. Gratuita e livre para todos os públicos, a peça conta com recursos do FAC-DF.

Espetáculo “Esgoto”

*O espetáculo Esgoto – O cheiro que sobe do ralo estreia nos dias 30 e 31 de maio, às 20h, no Teatro dos Bancários, em Brasília. Com dramaturgia e direção de Rômulo Mendes, a montagem mistura terror, humor e crítica social para abordar os últimos anos da política brasileira. Inspirada em memes, teorias conspiratórias e no fenômeno zoológico “rei rato”, a peça utiliza o absurdo para refletir sobre radicalização e negacionismo. O elenco reúne Abaeté Queiroz, Antônio Lima, Bruno Coeoli e outros artistas. Os ingressos custam R\$ 50 e R\$ 25, pela Sympla.

“Pedaços de Maria”

*O espetáculo Pedaços de Maria, da Iniciativa As Desempregadas, realiza apresentações gratuitas entre 18 e 24 de maio em espaços públicos e escolas do Distrito Federal. Misturando palhaçaria, música, poesia e circo, a montagem aborda sonhos, memória e pertencimento a partir da trajetória da personagem Maria. As sessões abertas ao público acontecem no Parque da Cidade e na Praça do Paranoá, com recursos de acessibilidade, como Libras e audiodescrição. Voltado também ao público infantil, o projeto é realizado com recursos da Política Nacional Aldir Blanc.

Musical ‘ELZA’

*O premiado musical Elza chega a Brasília para temporada de 27 a 31 de maio na CAIXA Cultural. Inspirado na trajetória de Elza Soares, o espetáculo reúne Janamô, Josy Anne, Júlia Sanchez, Julia Tizumba, Sara Chaves, Sara Hana e a convida-



“Poéticas de Brasília” chega aos palcos em espetáculo que revisita a alma da Capital



Circo contemporâneo ganha as ruas do DF

da Naruna Costa em uma narrativa não linear sobre a vida e a obra da artista. Com direção de Duda Maia e texto de Vinícius Calderoni, a montagem mistura clássicos da cantora a reflexões sobre racismo, resistência e reinvenção. O musical já foi visto por mais de 100 mil pessoas e acumula prêmios como Shell, APCA e Bibi Ferreira.

“Jogo da Memória”

*O espetáculo Jogo da Memória volta em cartaz no Distrito Federal com apresentações gratuitas no Teatro Galpão Hugo Rodas, na 508 Sul, e no Sesi

Taguatinga. Dirigida por Sérgio Fidalgo, a montagem reúne artistas com mais de 60 anos para discutir envelhecimento, etarismo, solidão e memória a partir de uma linguagem poética e bem-humorada. Em cena, o elenco transforma lembranças e afetos em um jogo simbólico que celebra a maturidade.

PROJETO

Clube dos Pequenos Leitores

*O Clube dos Pequenos Leitores retorna ao Boulevard Shopping Brasília no dia 30 de maio, às 16h, abrindo a nova



Max Kolbe lança livros sobre concursos

temporada do projeto literário infantil. A estreia será com a jornalista e escritora Maria Teresa Fernandes, autora de Zombie: o cãozinho português, obra que aborda cuidado e respeito aos animais. Gratuito, o encontro terá contação de histórias, bate-papo e atividades interativas no novo espaço Viver Boulevard. O projeto promove encontros mensais com autores do Distrito Federal e incentiva o hábito da leitura entre crianças e famílias.

Max Kolbe lança livros

*O escritor e especialista em concursos públicos Max Kolbe

lançou, em Brasília, novas obras voltadas às áreas de concursos e administração pública. O evento reuniu autoridades do meio jurídico, como o delegado Fernando Cocito, o desembargador Pablo Zuniga, o juiz Aragonê Nunes Fernandes e o presidente da OAB-DF, Paulo Maurício. Durante a cerimônia, o autor debateu desafios da preparação para concursos e destacou a qualificação profissional.

Obra com teatro de bonecos

*O livro ilustrado Vida de Mamulengo: o sonho de Margarida, de Anna Göbel e Chico Si-



'El Ser Querido' dispara como favorito à Palma de Ouro



Lászlo Nemes, da Hungria, dirige o épico contagiante sobre Jean Moulin

Um palmarês aberto a **firmações e descobertas**



Faltando apenas dois longas para fechar o ciclo competitivo da Croisette em 2026, especulações no balneário apontam 'El Ser Querido', 'Fjord', 'Moulin' e 'Natal Amargo' entre os favoritos de um ano politicamente tenso



Cores de Almodóvar transbordam de 'Natal Amargo', em competição

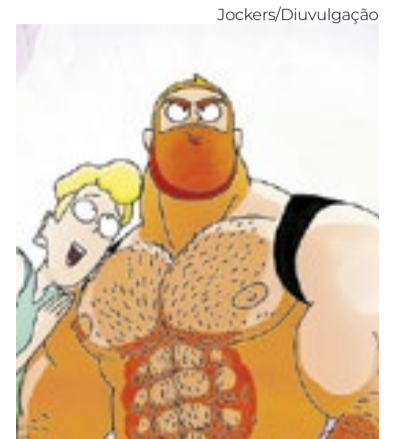
RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Pedro Almodóvar deu uma dica preciosa para seus 21 concorrentes na corrida pela Palma de Ouro de 2026, a ser entregue neste sábado à noite, pelo time de juradas/os liderado por Park Chan-wook: "Eu já fui tratado como favorito aqui duas vezes, com 'Volver' e 'Tudo Sobre Minha Mãe', e não ganhei, o que me deu uma vivência importante sobre festival. Numa dessas vezes, o presidente do júri era o cineasta David Cronenberg que justificou sua escolha dizendo que se o palmarês dependesse da especulação, não faria sentido haver colegiados julgando os filmes", disse o septuagenário artesão manchego, que dispara entre os nomes mais cotados a ganhar o troféu dado ao iraniano Jafar Panahi em 2025.

Seu "Natal Amargo", marcado para estrear no Brasil na próxima semana, sublinha toda a potência estética do "almodrama" ao tocar num dos temas mais debatidos neste Cannes: a metalinguagem. Há um filme dentro do longa que

Almodóvar nos apresenta a partir da crise criativa que leva o diretor Raúl (Leonardo Sbaraglia) a fazer da vida de uma amiga matéria de um novo projeto. Paralelamente, uma publicitária famosa por filmes autorais, Elsa (Bárbara Lennie, em

Palmas que a Palma de Ouro não vê

Jockers/Divulgação
Jim Queen

Sophie Okonedo/Divulgação

Clarissa



Pérolas autorais vindas dos mais variados cantos do

mundo rivalizaram com a disputa oficial de Cannes na busca por consagração de vozes autorais

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Vai ser difícil algum filme deste Festival de Cannes calar mais fundo no peito da cinefilia do que “Natal Amargo”, o novo exercício de Pedro Almodóvar pelas vias do melodrama... mas é fácil apontar os filmes que (mais e melhor) vão se esforçar para brilhar tal qual a expressão autoral do artesão manchego. Na disputa pela Palma de Ouro, pérolas a granel se candidatam à Eternidade, como “El Más Querido”, de Rodrigo Sorogoyen, e “Hope”, de Na Hong-jin. A lista a seguir é a triagem que o CORREIO DA MANHÃ produziu após garimpar jazidas paralelas à competição oficial.

CLARISSA, de Arie e Chuko Esiri (Nigéria): Sophie Okonedo tem a atuação de uma vida nesta versão de “Sra. Dalloway”, de Virginia Woolf, no Laos. Okonedo vive Clarissa, mulher da alta sociedade, que organiza uma recepção em sua casa, no fer-

vo da vida cultural nigeriana, onde reencontra amigos de juventude. Ao longo daquela noite, suas memórias vêm à tona. Mágoas, também.

MARIE MADELEINE, de Gessica Génés (Haiti): A fotografia



Divulgação

Marie Madeleine



William Graves Productions

Once Upon A Time In Harlem

de Nicolas Canniccioni tinge os céus e as ruas de Jacmel de um colorido extravagante ao seguir os passos de uma garota de programa de nome bíblico que se encanta por um evangélico fervoroso e tenta mostrar ao rapaz as bênçãos do desejo.

Géssica dirige e estrela este drama sensual sobre empoderamento.

ONCE UPON A TIME IN HARLEM, de David e William Greaves (EUA): Um marco da luta decolonial de essência docu-

mental musical se afirma aqui. O seu coletivo de imagens remonta a uma noite de verão de 1972, quando uma geração marcante de artistas e intelectuais do chamado “Renascimento do Harlem” reuniu-se na casa de Duke Ellington. Por mais de três horas, esse grupo extraordinário — muitos dos quais não se viam há cinquenta anos — lembrou o passado, fez críticas, discutiu, riu e bebeu, enquanto refletia sobre seu lugar num panorama antirracista.

IN WAVES, de Phuong Mai Nguyen (França): De CEP francês, mas com um coração vietnamita em seu peito (de sua diretora), esse drama com um pé no mar e outro na morte, abriu as alas da Croisette para a animação. Seu pavimento é uma HQ homônima do surfista e artista gráfico AJ Dungo, lançada no Brasil pela Nemo e baseada em uma perda pessoal dele. Um skatista se apaixona por uma surfista, na alvorada da adolescência de ambos, mas tomam “um caixote” do destino, na forma de um tumor.

L'ESPÈCE EXPLOSIVE, de Sarah Arnold (França): Um thriller ecológico mucho loco da diretora de “Leçon de Ténèbres”. No nordeste francês, agricultores e caçadores estão em guerra. Os javalis, grandes e numerosos demais, devastam as plantações. Brun, um produtor de cereais à beira do abismo, não aguenta mais e desaparece. Um ano depois, Fulda, um policial explosivo (papel de Alexis Manenti), e Stéphane (Ella Rumpf), uma psicóloga em crise, investigam o caso. O que descobrem vai além da compreensão deles. O que surge entre eles não era esperado também.

SIEMPRE SOY TU ANIMAL MATERNO, de Valentina Maurer (Costa Rica): Uma celebração da fraternidade na América Hispânica. A inspirada Daniela Marín Navarro vive Elsa, de 28 anos, que passou um longo tempo na Bélgica, retorna para seu país, a fim de se reencontrar com sua irmã mais nova, Amalia, envolvida numa rota esotérica.

ENTREVISTA | MANUELA MARTELLI

ATRIZ E DIRETORA

'Há diferentes nós em nós'

Juan Saez/Divulgação

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Coroada no Festival de Locarno de 2025 com o troféu de Melhor Atuação pelo filme croata "Deus Não Vai Ajudar", Manuela Abril Martelli Salamovich despontou como estrela adolescente nas telas de seu Chile natal em 2004, em meio ao sucesso mundial de "Machuca". A troca com cineastas de peso pelo mundo afora fez com que passasse ao posto de diretora. Posto esse que Cannes consagra agora ao abrir à chilena uma vaga em uma de suas seções competitivas de maior destaque: a Un Certain Regard. O Brasil saiu dela premiado com seu troféu principal, o Prix Um Certo Olhar, em 2019, com "A Vida Invisível", de Karim Aïnouz.

Agora é a vez de Manuela, que pilota "El Deshielo" nas raias da tensão. Seu filme anterior no cargo de realizadora, "Chile'76" (2022), passou na Croisette também, mas na Quinzena de Cineastas.

Nele, uma mulher de classe média alta, Carmen (Aline Kuppenheim), tenta satisfazer o pedido de um amigo leal, o padre Sanchez (Hugo Medina), que recorre a ela atrás de proteção para um jovem ferido no garrote de Pinochet. O tal rapaz, Elias (Nicolás Sepúlveda), foi baleado e requer cuidados. Ao cuidar dele, ela aprende o que se passa no Chile pós Golpe, em 1976.

Foi um sucesso imediato. Foi comparado até ao cult argentino "A História Oficial", de 1985. Já "El Deshielo" segue por linhas mais próximas das ficções de mistério, ainda que abra sua narrativa com um eixo de arquivo, em que a América do Sul do tempo da Eco 92 é resgatada.



Com forte clima de tensão,

"El Deshielo" leva a Un Certain Regard até 1992, num hotel de luxo, onde uma garotinha cria laços de amizade com uma atleta europeia. O coleguismo das duas vai bem até a estrangeira sumir... e ser dada como morta. Parte daí um enredo investigativo no coração de um Chile que, àquela época, abria-se para a democracia.

Com "El Deshielo", a nova geração de profissionais de cinema do Chile expôs à Croisette um vigor que faz jus a mestres de sua rra moderna, como Miguel Littín, Valeria Sarmiento e Patricio Guzmán. Se por um lado, faltou brasilidade a Cannes este ano, sem ter joias nacionais - como "O Agente Secreto - no páreo, por outro, o da perspectiva chilena, a 79ª edição do festival de mais prestígio no cinema é uma festa. Teve "La Perra", de Dominga Sotomayor, na Quinzena de Cineastas, com Selton Mello no elenco e Rodrigo Teixeira na produção. Tem "El Deshielo" nas cabeças da Un Certain Regard. E tem, no júri da Palma de Ouro, um jovem talento que redefiniu a ousadia do Chile nas telas: Diego Céspedes. Há um ano, ele botou a Croisette no bolso com "O Olhar Misterioso do Flamingo", que hoje percorre as salas do Brasil, sob distribuição da Imovision.

No papo a seguir, Manuela festeja a força cinéfila do Chile explica suas inquietações com sua pátria.

Como vê a (oni)presença do Chile neste festival? Manuela Martelli - Tem muita gente criando. Há mulheres expressando suas vozes.

O que a metáfora do bloco de gelo que demarca o filme representa acerca do Chile que você retrata?

É um signo de que a conta uma hora chega para os países que viveram sob jugo de dita-

duras. Os anos 1990 foram um bloco da nossa História em derretimento, por simbolizar o fim dos regimes militares e um início ainda tímido das nossas democracias. Os ecos desse momento se fazem ouvir no Chile até hoje.

Sua impecável forma de dirigir uma atriz mirim e extrair dessa menina, Maya O'Rourke, um desempenho maduro faz parte de seu esmero na criação de personagens



“Era um tempo em que os governos latinos ansiavam por um projeto de bem-estar coletivo que o discurso capitalista parecia interessado em oferecer. Um bem-estar com custo alto”

femininas plurais. Que mirada sobre a mulher latino-americana se firma no seu cinema?

O ponto que me atrai é ver

o que ultrapassou os limites do sistema patriarcal. "El Deshielo" nasce das minhas memórias de menina, da lembrança de parentes. Tento falar da força feminina

e retratar o espaço dos homens com respeito em ambas as partes. Há diferentes nós em nós. Eu tento dar voz a essas diferenças.

O que existe de mais marcante no ano de 1992, com direito a imagem de arquivo do ex-presidente brasileiro Fernando Collor de Mello nos registros documentais que abrem a sua ficção?

Mais do que 1992 propriamente, o eixo cronológico da minha narrativa é o espírito da década de 1990, a era de um Chile um tanto inocente, pós-ditadura, no qual o capitalismo botou as garras de fora e virou a hegemonia econômica do planeta. Foi o momento logo após a queda do Muro de Berlim e o fim da URSS. Era um tempo em que os governos latinos ansiavam por um projeto de bem-estar coletivo que o discurso capitalista parecia interessado em oferecer. Um bem-estar com custo alto.

Como se desenhou o tônus de thriller que seu filme tem?

Nos anos 1990, todo mundo na América Latina cresceu vendo Hollywood... e a produção que vinha de lá com mais força era de suspenses. Eram filmes que se pautavam pelas perguntas: quem matou e quem é o culpado? Essa cultura ficou enraizada.

"Chile'76" (também chamado de "1976") sedimentou o seu prestígio como diretora, há quatro anos. De que maneira ele retratou o universo de Pinochet e golpe que derrubou Salvador Allende?

Procurei dissociar o fato de as grandes investigações históricas lidarem sempre com figuras masculinas de poder. Eu escolhi falar de uma data que coincide com a morte da minha avó e retratar a realidade do meu país, nos anos 1970, sob uma perspectiva feminina, que abrace angústias afetivas e fatos. Parto de uma mulher que ficou anônima na História, mas seguiu seus caminhos, seus desejos, apesar de toda a repressão sexista. Tudo aqui parte de uma vontade de saber como é que se filtra o peso do espaço público, sob o horror de uma ditadura, no espaço privado, no âmbito da intimidade.

Drama de Ana Lídia

volta nas telas

Cerrado Seco revisita um dos maiores crimes sem solução no DF

Por Mayariane Castro

O longa-metragem “Cerrado Seco”, dirigido por Bruno Caldas, entrou na fase final de gravações em Brasília com a proposta de transformar em ficção um dos casos criminais mais conhecidos da capital federal.

Inspirado no assassinato da menina Ana Lídia, ocorrido em 1973 e nunca solucionado judicialmente. O filme utiliza elementos de suspense e investigação para discutir os impactos de crimes sem resposta definitiva sobre vítimas, familiares e a sociedade.

A produção é ambientada em dois períodos distintos, 1973 e 2005, e acompanha os efeitos do desaparecimento e morte de uma criança em uma narrativa construída a partir de memórias, silêncio e relações de poder.

A trama aborda como acontecimentos do passado continuam presentes décadas depois e influenciam personagens ligados direta ou indiretamente ao caso.

Realidade e ficção

Segundo a equipe de produção, o roteiro parte de fatos conhecidos publicamente, mas utiliza a ficção para desenvolver personagens e situações que permitam explorar dimensões psicológicas e sociais relacionadas à impunidade.

O filme foi concebido como um



A família de Ana Lídia no filme que retrata um dos crimes mais chocantes da história de Brasília

thriller psicológico e utiliza mecanismos típicos do cinema investigativo para construir a narrativa.

A história toma como referência o caso Ana Lídia, registrado em Brasília em setembro de 1973.

A menina de sete anos desapareceu após sair de casa, no então recém-criado bairro da Asa Sul. Dias depois, o corpo foi encontrado em uma área do Parque Nacional de Brasília. O crime gerou repercussão nacional e mobilizou autoridades policiais e políticas da época, mas nunca chegou a uma conclusão judicial definitiva.

Arquitetura narrativa

Em “Cerrado Seco”, a capital federal também ocupa papel central na construção narrativa. Brasília aparece não apenas como cenário, mas como parte da estrutura dramática do filme. Monumentos, áreas vazias, espaços institucionais e a arquitetura modernista são utilizados para representar relações entre poder político, isolamento e controle social.

De acordo com a direção, a escolha por filmar em locações reais da cidade busca aproximar a narrativa de elementos históricos e urbanos reconhecíveis pelo público local e nacional. Parte das gravações ocorreu em regiões centrais do Plano Piloto e em áreas que preservam características arquitetônicas semelhantes às da década de 1970.

Pai e filho

no mesmo papel

Em momentos diferentes, Rafael Vitti e João Vitti interpretam o mesmo personagem na trama

O elenco principal reúne Rafael Vitti e João Vitti, que interpretam o mesmo personagem em diferentes momentos da vida. Esta é a primeira vez que pai e filho atuam juntos em um longa-metragem. A produção afirma que a escolha dos atores teve como objetivo estabelecer continuidade dramática entre as duas fases da narrativa.

Além do elenco, a equipe técnica é formada majoritariamente por profissionais de Brasília. Entre os nomes envolvidos estão o diretor de fotografia Elder Miranda Jr. e a di-

retora de arte Carmem Santhiago, ambos estreando em longas-metragens. A proposta da produção é ampliar a participação de profissionais do Distrito Federal em projetos de alcance nacional.

Bruno Caldas já havia trabalhado anteriormente em produções voltadas para temas sociais e documentais. Entre os trabalhos anteriores do diretor estão os curtas-metragens “Colapso” e “De Repente”, além dos documentários “Utopia Distopia” e “A Terceira Margem”. Em “Cerrado

Seco”, ele passa a trabalhar diretamente com o cinema de gênero, utilizando estruturas narrativas ligadas ao suspense e ao noir.

A produção recebeu recursos públicos por meio da Lei Paulo Gustavo e da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura. Os mecanismos foram criados para incentivar projetos culturais em diferentes regiões do país e financiar produções audiovisuais após os impactos sofridos pelo setor durante a pandemia de Covid-19.

Segundo os produtores, o financiamento permitiu manter as gravações no Distrito Federal e contratar profissionais locais para áreas como direção de arte, fotografia, produção executiva e pós-produção.



Rafael Vitti é um dos destaques do elenco

@iluisephoto/Isabel Louise

Quintal de Memórias conta a história feminina da construção de Brasília

O projeto “Quintal de Memórias”, realizado pelo Coletivo Entrevazios, promove entre maio e junho uma temporada de atividades culturais gratuitas em Taguatinga e Planaltina. A programação reúne a ação formativa “Barraca de Memórias” e o espetáculo “Carrego O Que Posso, Faço Quintal Onde Dá”, com foco em relatos de mulheres que participaram da construção e consolidação de Brasília fora dos registros oficiais da capital.

As atividades começam em Taguatinga entre os dias 25 e 29 de maio e seguem para Planaltina de 8 a 12 de junho. Em ambas as regiões administrativas, a programação inclui encontros voltados para grupos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e associações que atendem pessoas idosas. Ao final de cada ciclo de atividades, o espetáculo teatral será apresentado gratuitamente ao público.

O projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC), da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. Segundo os organizadores, a proposta é criar espaços de escuta e compartilhamento de memórias relacionadas ao cotidiano de mulheres migrantes que viveram o processo

A produção afirma que o espetáculo foi desenvolvido a partir de processos de escuta realizados em diferentes regiões do Distrito Federal.

Após cada sessão, o público poderá circular pela cenografia e observar os objetos utilizados na encenação. A proposta é aproximar os espectadores dos materiais que serviram como referência para a criação dramatúrgica e para a construção das narrativas apresentadas em cena.

A diretora Sandra Vargas afirma que o espetáculo aborda aspectos cotidianos da história de Brasília presentes nas relações familiares e nos ambientes domésticos.

Segundo ela, o uso de objetos no teatro permite acessar experiências e memórias que geralmente não aparecem em registros históricos convencionais.

O projeto também amplia o trabalho desenvolvido anteriormente pelo Coletivo Entrevazios em pesquisas ligadas à memória urbana e às transformações sociais de Brasília. Criado em 2014, o grupo atua em projetos que re-



A história de Brasília contada pelo cotidiano de quem a construiu

Mulheres que foram candangas

de formação da capital federal.

Troca de experiências

A ação formativa “Barraca de Memórias” funciona como um espaço itinerante de troca de relatos e experiências. Durante os encontros, participantes são

convidados a compartilhar histórias ligadas aos territórios em que vivem, utilizando lembranças pessoais, objetos e experiências cotidianas como ponto de partida para atividades de criação.

De acordo com o Coletivo Entrevazios, a iniciativa busca

registrar aspectos da história de Brasília que não costumam aparecer em documentos institucionais ou narrativas oficiais. As ações abordam temas relacionados à migração, trabalho doméstico, formação das cidades do Distrito Federal e permanência das memórias familiares nos espaços urbanos.

O espetáculo “Carrego O Que Posso, Faço Quintal Onde Dá” integra a programação do projeto e foi dirigido por Sandra Vargas, fundadora do Grupo Sobrevento. A montagem utiliza elementos do teatro de objetos para construir uma narrativa baseada em relatos de mulheres idosas moradoras de regiões antigas do Distrito Federal.

Objetos domésticos

Objetos domésticos como panelas, bacias, roupas de bebê e ferros de passar aparecem em cena como elementos de composição dramatúrgica. A proposta da encenação é utilizar itens do cotidiano como dispositivos de memória ligados às experiências de mulheres que migraram para Brasília durante diferentes períodos da construção e expansão urbana da capital.

Segundo a atriz e coordenadora do projeto, Maysa Carvalho, os relatos compartilhados durante as apresentações frequentemente se relacionam com experiências vividas por outras mulheres presentes na plateia.

Objetos que contam a história

Móveis e utensílios fazem a narrativa da epopeia brasiliense



Objetos do cotidiano contam a história

lacionam arte, cidade e experiências coletivas.

Entre os trabalhos desenvolvidos pelo coletivo estão o livro “Entrevazios”, lançado em 2014; a intervenção urbana “O Estrangeiro”, realizada em 2015; a exposição “De Ver Cidade – Brasília numa caixa de brincar”, apresentada em 2019; a intervenção poética “Lourença”, em 2021; e o minidocumentário “Barraca de Memórias”, lançado em 2023. O grupo também realizou projetos como a exposição “Percurso Inventados”, o espetáculo “Carrego O Que Posso, Faço Quintal Onde Dá”, visitas teatralizadas com “Cidade Espetáculo – Aventura nos Três Poderes” e a exposição “Memória Migrante – Mostra Acervo Poético”.

As apresentações previstas para Taguatinga e Planaltina contarão com recursos de acessibilidade. A sessão marcada para 27 de maio, em Taguatinga, terá audiodescrição. Já a apresentação de 10 de junho, em Planaltina, contará com audiodescrição e interpretação em Libras.

Em Taguatinga, o espetáculo será apresentado na Associação dos Idosos de Taguatinga, às 14h30 do dia 27 de maio. Em Planaltina, a sessão ocorre no Complexo Cultural de Planaltina, às 9h do dia 10 de junho. As atividades formativas serão realizadas ao longo da semana em ambos os locais para grupos previamente agendados. Segundo os organizadores, o projeto pretende fortalecer o reconhecimento de narrativas construídas fora dos centros da capital.